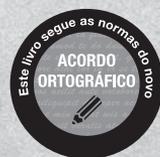


COISAS ERÓTICAS

DENISE GODINHO
HUGO MOURA

COISAS ERÓTICAS

A história jamais contada da
primeira vez do cinema nacional



© Denise Godinho e Hugo Moura

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza
Ana Luiza Candido

Assistente de arte
Alex Yamaki
Daniel Argento

Capa
Alex Yamaki

Diagramação
Flavio Peralta – Estúdio O.L.M.

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Telma Baeza Gonçalves Dias
Juliana de Araujo Rodrigues

Impressão
Corprint

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Godinho, Denise
Coisas eróticas: A história jamais contada da primeira vez do cinema nacional/
Denise Godinho e Hugo Moura. – São Paulo: Panda Books, 2012. 200 pp.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-7888-211-2

1. Cinema – Brasil – História. 2. Filmes eróticos – Brasil – História. 3. Sexo no cinema – Brasil – História. 4. Cinema brasileiro – História. I. Moura, Hugo. II. Título.

12-0302

CDD: 791.4365380981
CDU: 791.226(81)

2012

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

•• Sumário ••

Prólogo.....	11
1. Aquelas coisas eróticas.....	15
2. E assim conheceram as maravilhas do sexo.....	24
3. Raffaele Rossi.....	26
4. Itanhaém.....	36
5. A primeira história e o rei do sexo.....	47
6. Vânia e a bunda sem dona.....	59
7. A segunda história e o <i>swing</i>	61
8. A terceira história e a estrela tímida.....	69
9. Duzentos dias de abstinência.....	84
10. O segundo quadro.....	91
11. Um <i>frame</i> que se torna cartaz.....	104
12. A Copa do Mundo não é nossa.....	105
13. “O filme do seu pai estourou”.....	111
14. <i>Coisas eróticas</i> contra a cruzada moral.....	120
15. “A bunda é minha”.....	130
16. A Boca nunca mais foi a mesma.....	132
17. O calvário dos que fizeram <i>Coisas eróticas</i>	137
18. O rei do sexo.....	150

19. <i>Coisas eróticas 2</i>	158
20. 5 de novembro de 2007.....	162
21. Era bonita.....	170
Posfácio.....	172
Agradecimentos.....	185
Referências bibliográficas.....	187

Este livro também pertence a Bruno Graziano.

Aos nossos familiares que, de certa forma, possibilitaram o nosso encontro e nos incentivaram para que este trabalho fosse realizado.

Em julho de 1982, estreou nas salas brasileiras o primeiro filme pornô nacional. Foi assim que aconteceu...

•• Prólogo ••

Em uma tarde do verão de 1979, Raffaele Rossi entrou de cabeça erguida no bar Soberano. O botequim tinha sido inaugurado em 1961 no número 155 da rua do Triunfo. Era no balcão de sete metros de extensão, logo na entrada, que os cineastas da Boca do Lixo paulistana se reuniam para conversar sobre cinema, o cachê da nova estrela que perambulava nas redondezas ou o jogo de futebol da noite anterior. É verdade que, em muitas ocasiões, o bar se estendia até a rua, porque os grupos de frequentadores ficavam na calçada, os copos americanos repletos de cerveja em suas mãos. O salão do fundo abrigava 12 mesas, cada uma delas rodeada por quatro cadeiras. Ali era servido o tradicional almoço, desde o concorrido bacalhau na brasa até o frango com polenta. O proprietário, Serafim, cuidava de manter seus clientes entretidos com os copos cheios. De vez em quando, até arriscava um número de mágica com o baralho engordurado que ficava em cima do balcão. Em geral, o Soberano era parada obrigatória de técnicos, atores, diretores e produtores que trabalhavam na região, embora todos eles se misturassem também a prostitutas e a traficantes que prestavam seus árdios serviços nas redondezas. Raffaele Rossi não costumava frequentar o bar, apesar de trabalhar por ali fazendo justamente cinema. O cineasta italiano era tímido e, embora conhecesse todos, nunca tomava a iniciativa para uma conversa; como as pessoas raramente o

chamavam, ele entrava e saía do bar de cabeça baixa. Com exceção daquela tarde calorenta.

O italiano entrou dando passos firmes e largos sob olhares desconfiados. Afinal, ele devia dinheiro ou favores a parte daqueles que almoçavam ali. Serafim estranhou a presença de Raffaele no boteco, embora não tivesse nada contra ele. Todas as pouquíssimas ocasiões em que o diretor havia consumido algo no bar, tinha pago certinho e, às vezes, chegava até a deixar alguma gorjeta. Raffaele deu de ombros e partiu quase farejando mesa por mesa em busca de alguém ou alguma coisa em cada canto do botequim. Foi lá no fundo, depois das três colunas que enfileiravam e dividiam as 12 mesas do restaurante e, sob o barulho das conversas paralelas, que o diretor avistou o amigo Laerte Calicchio saindo do banheiro e enxugando as mãos nas próprias calças. Partiu como um foguete em direção a ele. Antes que Laerte pudesse perguntar o que o amigo estava fazendo ali, já tinha sido puxado pelo braço em direção à calçada onde outro amigo, Walmir Dias, os esperava, com o mesmo olhar de espanto e dúvida estampado no rosto.

Raffaele partiu na frente, em direção ao lado sul da rua, deixando no ar a ideia de que os dois deveriam segui-lo – e foi o que fizeram. Não entendiam o que estava acontecendo e também não podiam questionar entre si, porque o fôlego era suficiente apenas para manter o passo apressado que o amigo impunha a eles. Quase o perderam de vista quando entrou à direita na rua Vitória. Sacaram que estavam sendo levados para a Empresa Cinematográfica Rossi, localizada na rua dos Andradas, paralela à rua do Triunfo, quase de quintal com o bar Soberano.

Ele subiu os quatro lances de escada de dois em dois degraus. Se fosse possível adivinhar o que se passava nas cabeças de Laerte e Walmir, de certo supunham alguma má notícia. Mas Raffaele estava sorrindo quando buscou cada um deles. Estava? Não lembravam mais. Poderia ser um processo que alguém da Boca abrisse contra ele. Afinal, não seria a primeira vez. Laerte chegou a esbravejar para si mesmo entredentes que não tinha mais idade para aquilo!

Raffaele parou na escada e se arqueou, debruçando as duas mãos nos joelhos. Respirava com dificuldade e esperava lentamente que os batimentos cardíacos voltassem ao normal. Enquanto isso, os amigos já o haviam alcançado.

– Vamos até a sala, não é nada ruim, eu prometo – disse ainda com a voz rouca e pausada.

Eles andaram em silêncio alguns metros em direção à porta de madeira que dava acesso à salinha do diretor na produtora. Era um cômodo de cerca de dez metros quadrados em um prédio residencial, onde prostitutas disputavam espaço entre malandros, cavalheiros neurastênicos e idosas decadentes que acompanhavam, com desprezo, o fluxo contínuo de visitantes em seus aposentos. Não existia luxo nenhum, mas era o que Raffaele poderia pagar. O prédio por si só fazia jus ao apelido Boca do Lixo, mas não era pior nem melhor que outros edifícios na região. A saleta alugada tinha documentação em dia, mas não passava de um espaço maltratado e organizado apenas por um sofá de tecido marrom antigo na parede central e uma mesa de ferro com quatro cadeiras. Em um dos cantos, os equipamentos eram empilhados e cobertos por uma grande lona azul. Do outro lado, um filtro de água feito de barro se equilibrava em um banquinho perneta.

Todos sentaram-se à mesa. Laerte folheou uma revista *Manchete* que estava à sua frente, mas não teve tempo de apreciar uma foto ou ler uma linha de alguma reportagem, pois Raffaele arrancava de supetão e com violência a publicação de suas mãos. Abriu a revista e virou folha a folha, procurando algo. Dobrou-a ao meio e jogou na mesa a *Manchete* aberta na página em que uma reportagem falava sobre um filme japonês com cenas de sexo explícito que chegaria ao Brasil em breve. Laerte e Walmir se espremeram e passaram juntos os olhos pelas linhas do editorial. O diretor decerto se divertia com a situação quando se apoiou no encosto de uma das cadeiras que rodeavam a mesa e passou a observar os amigos. Eles pareciam não entender nada.

– Temos que fazer isso. É a oportunidade de nos darmos bem! – profetizou.

Aquelas coisas eróticas

A princípio, Raffaele Rossi tinha apenas uma ideia e talvez até contasse secretamente com o apoio dos amigos. Laerte Calicchio, apesar de parecer o mais consciente deles, caiu em uma crise de riso prolongado que durou longos segundos. Ria desesperadamente porque sabia que não seria fácil convencer o amigo do contrário. Estava louco? Apesar de viverem uma abertura política, a censura ainda existia. E estava escrito ali, naquela mesma revista, que o tal filme japonês, produzido três anos antes, enfrentava resistência do governo para ser exibido no país. Imagine um filme nacional! Além do mais, Raffaele vivia produzindo com baixo orçamento e seu dinheiro quase nunca era suficiente para um filme. Naquele momento estavam filmando *Boneca cobiçada* com a estrela da época, Aldine Müller. “Mas não, ele nunca está satisfeito” – esbravejava. Walmir concordava com tudo o que Laerte apontava quase que didaticamente ao amigo. Não era o momento de mexer com uma produção desse nível. Ora, sexo explícito em um cinema? E ainda cobrar ingresso? Laerte não acreditava na empreitada e achava que seria um trabalho que poderia levá-los à cadeia ou, no mínimo, ao fracasso.

Talvez fosse mesmo, para a realidade do Brasil na época. Fora do país, o mundo já havia visto na telona, quase dez anos antes, o que aqui, aparentemente, só se fazia entre quatro paredes. O clássico *Garganta profunda*, de 1972, dirigido por Gérard Damiano, re-

volucionou o cinema americano contando a história de uma mulher que tinha o clitóris na garganta. A obra impulsionou outras produções do gênero, como *Atrás da porta verde*, daquele mesmo ano, dirigido pelos irmãos Mitchell, Artie e Jim, e *O diabo na pele de miss Jones*, de 1973, também de Damiano. Todos eles se tornaram referência do estilo cinematográfico já no início da década de 1970, assim como o também revolucionário e aclamado pela crítica *Império dos sentidos*, aquele tal filme japonês produzido em 1976 pelo diretor Nagisa Oshima.

Raffaele Rossi ouviu todos os contras com atenção, tirou o pente fino de plástico marrom do bolso da camisa e penteou os cabelos emplastrados de brilhantina divididos para o lado. Cada movimento era feito pausadamente, como se, enquanto se mexesse, estivesse degustando os conselhos lançados pelos amigos aflitos.

– *Mie amici*, eu não quero fazer um filme pornô. Eu quero apenas inserir uma cena pornô em *Boneca cobiçada*.

Até então, o brasileiro havia se contentado com os inocentes mamilos descobertos de atrizes como Helena Ramos, Matilde Mastrangi, Zaira Bueno e Débora Muniz. Prestes a entrar na década de 1980, o país já andava lentamente para uma abertura democrática depois de anos de chumbo quente em cima das manifestações artísticas.

Durante a década anterior, qualquer música, peça teatral, jornal ou filme que incitasse uma interpretação política sobre o contexto que o país vivia, caía no corte. A nudez, por sua vez, servia como uma via de escape. Enquanto as pessoas estivessem se masturbando nos cinemas, não explodiriam bombas pelas cidades. Embora antirrevolucionário, o nu ainda era o guardião dos maus costumes e, por isso, deveria ser castigado. E foi. Retaliar os filmes da porno-

chanchada virou praxe e, às vezes, eles se tornavam incompreensíveis, tamanho o corte da censura. Tudo porque, aparentemente, não era permitido mostrar dois seios de uma só vez, de acordo com determinada portaria do Conselho Superior de Censura. Era como se os censores se divertissem durante as sessões: “Vamos liberar um mamilo só”.

É claro que uma cena explícita não passaria facilmente pelos censores. Pelo menos, ainda não naquela época. Raffaele sabia disso, mas a adrenalina de enfrentar o Departamento de Censura e a dona Solange Hernandez, a temida chefe da tesoura, que não perdoava nem a mais pura das cenas eróticas, fazia a expedição cada vez mais excitante. Para ele, a censura era burra e bastava algum truque para que a permissão fosse carimbada nos usuais documentos de liberação. Foi o que ele fez. O diretor, espertamente, usou um truque de luz para disfarçar a penetração do ator Oásis Minniti em Vânia Bonnier. A filmagem, feita à contraluz, pouco mostrava e deixava a cena subentendida. Apesar de implícita, essa pode ser considerada a primeira cena de sexo explícito do cinema brasileiro.

Para alívio de Rossi, *Boneca cobiçada* estreou em junho de 1980, oito meses depois de o filme japonês entrar no país.

* * *

Eram lindas aquelas mulheres nos cartazes dos filmes. A pele tinha um bronzeado inalcançável em plena capital paulistana. As saias estampadas, geralmente rodadas, ou bem justas com fendas laterais, pouco mostravam, mas davam pistas sugestivas do que cobriam. Em meio à correria cotidiana na agitada São Paulo, é provável que muitos homens tenham ficado com torcicolo ao se afastarem,

com passos hesitantes, das imagens nas portas dos cinemas. E os filmes exibidos, por mais que não revelassem nada, traziam sempre a possibilidade de ver alguns desavergonhados pelos pubianos. “Quem sabe não foram flagrados pela câmera e escaparam do intolerável corte da censura?”, indagava o público. O critério de sensualidade era diferente, beirando o ingênuo. Bastava um umbigo descoberto e um mamilo marcado na camiseta para que houvesse um festival de masturbações no cinema. A pornochanchada de outrora já causava palpitações penianas, embora não mostrassem nada diferente do que hoje pode ser visto em um filme na TV aberta em horário noturno. As ilustrações de Carlos Zéfiro eram o mais próximo ao explícito que o brasileiro podia chegar, e eram tratadas como uma espécie de catecismo dos jovens que viam, pela primeira vez, rabiscada a lápis, uma cena explícita. Uma revolução para quem estava acostumado com os inocentes e elaborados pôsteres de Benicio, que antes mexiam com a ala masculina.

A realidade é que todos os caminhos para a pornografia tinham uma característica em comum. Mostravam as mulheres brasileiras. Eram elas as desejadas, as dos cartazes, as cheias de curvas e de quadris largos. Mas notícias de fora chegavam rápido. As coisas eram mais quentes além do oceano. Afinal de contas, quando teríamos nosso próprio filme de sexo explícito?

Meses após a leitura da notícia na revista *Manchete*, Raffaele se manteve calado sobre o assunto. Laerte e Walmir desconfiavam, aliviados, que a conversa tinha sido fruto de uma empolgação momentânea e nem sequer se atreviam a voltar a ela. A cena em *Boneca cobijada* havia mesmo passado despercebida pela censura e esse tipo de aventura era o suficiente para eles. No entanto, quando viram o filme japonês sendo anunciado na programa-

ção da Mostra Internacional de Cinema, sabiam que a pauta voltaria à tona.

A fila circundava o Museu de Arte de São Paulo, na avenida Paulista. Quando Raffaele entrou na sessão, às quatro horas da manhã, as cadeiras de madeira com estofado vermelho estavam todas preenchidas. Raffaele achou que a quantidade de pessoas não era nada incomum comparada a outros filmes nacionais exibidos nos pomposos cinemas do Centro. Ele poderia ter jurado que uma produção com cenas de sexo explícito levaria o grande público ao cinema, mas não se surpreendeu com o filme. “Não tem graça ver japonês trepando”, pensou.

Ambientado em 1936, a produção conta a história do amor possessivo de uma ex-prostituta que vai trabalhar como empregada em uma casa, onde vive um homem solitário e sexualmente atormentado. O enredo é baseado em um fato real acontecido pouco antes de o Japão entrar na Segunda Guerra Mundial. O acontecimento se baseava em um artigo de jornal da época, que dizia que uma prostituta havia sido encontrada vagando pelas ruas segurando um pênis ensanguentado e que ela havia sido acusada de matar o senhorio da casa onde trabalhava.

Apesar de ser considerado uma obra de arte, muitos ficaram escandalizados com o filme. O próprio Raffaele soube enaltecer o valor da película como uma iniciativa corajosa, mas chegou a admitir que não era o que esperava. Segundo ele, as cenas de sexo explícito não excitavam e chegavam a beirar o escatológico. Depois da sessão, ele jurou de pés juntos que após a cena em que o personagem Kichizo masturba a empregada, Sada Aba, que reluta dizendo ao patrão que está menstruada, e ele tira a mão ensanguentada de dentro das vestes da amante para lambe-la a ponta dos dedos, um casal saiu

do cinema enjoado pedindo o dinheiro de volta. Para Raffaele, os espectadores não queriam sentir nojo de sexo. Muito pelo contrário, sexo deveria ser excitante.

Era 15 de outubro de 1981, uma quinta-feira. A reunião estava marcada para as quatro horas da tarde, no escritório da Empresa Cinematográfica Rossi. Laerte organizava os rascunhos escritos durante a noite anterior em uma pasta. Pelos seus cálculos, aquele enredo duraria cerca de quarenta minutos. Era a história de dois casais que se conheciam por um anúncio de jornal para amantes de *swing*. Sabia que agradaria a Raffaele, embora sentisse um misto de empolgação e medo gelando sua barriga. Em decisão prévia, o diretor havia dito que, para economizarem recursos, o filme teria três capítulos, cada um com uma história diferente. Laerte era o convidado para escrever e dirigir uma delas. Era a primeira vez que essa oportunidade se apresentava a ele. Em *Boneca cobiçada* havia trabalhado como assistente de direção e, nos créditos finais, nem seu sobrenome havia sido mostrado.

Laerte apanhou uma a uma as folhas que, encardidas pelo manuseio de seus dedos sujos graças à fita da máquina de escrever, exibiam a história elaborada durante toda uma madrugada regada a café e a um maço inteiro de Hollywood. Enquanto as organizava na pasta, relia frases desconexas que eram físgadas por seus olhos vigilantes.

Enquanto isso, Raffaele andava pela rua do Triunfo em direção ao escritório. Apreensivo com a reunião que se seguiria, estava cabisbaixo e com os ombros protegendo o pescoço. Desligou-se do mundo prestando atenção à rotina cíclica de seus pés a cada passo dado – um na frente do outro. Não reparou quem vinha andando em sua direção, animada, com o sorriso largo sempre a postos para cumprimentá-lo.